

Comitê admite que ajuste atrasa metas de FHC

Criação de 7,8 milhões de empregos, por exemplo, é posta como desafio para todo o segundo mandato

CLÁUDIA CARNEIRO
e GERSON CAMAROTTI

BRASÍLIA – O comando da campanha de Fernando Henrique Cardoso não vai fazer nenhuma mudança no programa de governo, lançado há seis dias, por causa das medidas de ajuste fiscal anunciadas ontem. Pela primeira vez, porém, o comitê



admite que as metas – preparadas em sincronia com o Orçamento de 1999, que acaba de sofrer cortes – terão de ser revistas. “O programa de governo será executado de acordo com as circunstâncias do momento”, afirmou ontem o coordenador político da campanha, Euclides Scalco.

Como o programa não delimita prazos para o cumprimento das promessas, os assessores do presidente consideram que as metas podem sofrer a retração da economia prevista para o ano que vem. Mas, segundo asseguram, essas metas são “aplicáveis” até o fim dos quatro anos de governo. A criação de 7,8 milhões de empregos, por exemplo, é posta como desafio para todo o segundo mandato de Fernando Henrique, argumentam.

A crise ainda é mantida a certa distância da campanha de Fernando Henrique. Essa estratégia foi reforçada pelas últimas pesquisas que apontam o presidente como o mais capaz, entre todos os candidatos, de enfrentar a crise. Por isso mesmo, a campanha vai explorar ao máximo a imagem do presidente ao lado de líderes mundiais, como o presidente dos EUA, Bill Clinton, e o primeiro-ministro da Inglaterra, Tony Blair.

A idéia dos coordenadores da campanha é manter a vantagem que Fernando Henrique tem sobre seu adversário do PT, Luiz Inácio Lula da Silva, associando sua imagem à de única liderança nacional com condições reais de articular saídas para a situação com líderes das grandes potências do mundo. Em último caso, se a oposição engrossar suas críticas ao governo e explorar a crise de forma mais agressiva, os assessores do tucano vão exibir no programa de televisão as pesquisas que mostram que a população acredita mesmo em Fernando Henrique para governar o Brasil em momentos de turbulência.

Fora da TV – Por enquanto, as soluções para a crise não serão tratadas nos programas de TV. “Esse não é um problema do candidato, mas do presidente, que já mostrou estar cuidando do assunto de forma competente”, afirmou o ministro dos Transportes, Eliseu Padilha. Mudanças no programa, porém, poderão ser feitas se a conjuntura internacional piorar nas próximas duas semanas.

Os coordenadores contam nos dedos os nove dias de programas na televisão que restam ao candidato. “O ideal seria congelar a campanha neste momento”, ilustrou um integrante do primeiro escalão do governo. “É como se Fernando Henrique estivesse numa prova de Fórmula 1 com 16 segundos de vantagem sobre todos os outros concorrentes, faltando apenas três voltas para o fim”, comparou. “Apesar dessa ótima vantagem, qualquer descuido seria fatal.”

Os assessores de Fernando Henrique apostam que a oposição ficará falando no vazio, já que, na opinião deles, a catástrofe anunciada nos programas eleitorais dos adversários não vai concretizar-se. Isso porque o cenário do início da semana já deu sinais de melhora, com a recuperação das bolsas em todo o mundo. Além disso, o governo conta com o impacto positivo do pacote fiscal no mercado externo. Se todas as projeções derem errado, aí a crise será assunto não só do presidente, mas também do candidato que irá ao programa eleitoral para mostrar as medidas tomadas.